

**LETRAMENTO E FORMAÇÃO  
UNIVERSITÁRIA**

**FORMAR PARA  
A ESCRITA E  
PELA ESCRITA**

## Série Ideias Sobre Linguagem

---

### *Conselho editorial*

**Antónia Coutinho**

(Universidade Nova de Lisboa)

**Ecaterina Bulea**

(Université de Genève)

**Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin**

(Universidade Federal do Ceará)

**Juliana Alves Assis**

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

**Jane Quintiliano Guimarães Silva**

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

**Lesley Bartlett**

(Columbia University)

**Manoel Luiz Gonçalves Corrêa**

(Universidade de São Paulo)

**Maria Angela Paulino Teixeira Lopes**

(Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

---

Fanny Rinck  
Françoise Boch  
Juliana Alves Assis  
(organizadoras)

LETRAMENTO E FORMAÇÃO  
UNIVERSITÁRIA

FORMAR PARA  
A ESCRITA E  
PELA ESCRITA

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Letramento e formação universitária : formar para a escrita e pela escrita / Fanny Rinck, Françoise Boch, Juliana Alves Assis, (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2015. – (*Série Ideias Sobre Linguagem*)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-369-7

1. Análise do discurso 2. Escrita 3. Leitura (Ensino superior) 4. Letramento I. Rinck, Fanny. II. Boch, Françoise. III. Assis, Juliana Alves. IV. Série.

15-06006

CDD-378.0072

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ensino superior : Práticas de escrita : Educação 378.0072

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide  
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

*Obra em acordo com as novas  
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

**AGOSTO/2015**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*Para Maria de Lourdes Meirelles Matencio  
(sempre Malu),  
que começou o caminho e continua(rá)  
nos elos que construímos.*



## SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	11
	<i>Françoise Boch, Fanny Rinck e Juliana Alves Assis</i>	
1.	MEIO SÉCULO DE DIDÁTICA DA ESCRITA NOS PAÍSES FRANCÓFONOS: BALANÇO E PERSPECTIVAS.....	27
	<i>Jean-Paul Bronckart</i>	
2.	ANÁLISE LINGÜÍSTICA DOS DESAFIOS DE CONHECIMENTO NO DISCURSO CIENTÍFICO: UM PANORAMA .....	57
	<i>Fanny Rinck</i>	
3.	POR QUE E COMO AS COISAS MUDAM? PADRONIZAÇÃO E VARIAÇÃO NO CAMPO DO DISCURSO CIENTÍFICO .....	97
	<i>Francis Grossmann</i>	
4.	NESTE ARTIGO, DESEJAMOS MOSTRAR QUE... LÉXICO VERBAL E POSICIONAMENTO DO AUTOR NOS ARTIGOS DE CIÊNCIAS HUMANAS .....	129
	<i>Agnès Tutin</i>	

5. FORMAS DIVERSAS DE ARTICULAÇÃO ENTRE O DISCURSO DE OUTREM E O DISCURSO PRÓPRIO: ANÁLISES DE COMENTÁRIOS DE TEXTOS TEÓRICOS. . . . . 163  
*Isabelle Delcambre*
6. EU SOU COMO UM OUTRO QUE DUVIDA: O DISCURSO DOS OUTROS NA ESCRITA DE PESQUISA EM FORMAÇÃO . . . . . 205  
*Yves Reuter*
7. DISCURSO DE OUTREM E LETRAMENTOS UNIVERSITÁRIOS. . . . 225  
*Isabelle Delcambre e Dominique Lahanier-Reuter*
8. *DE NOBIS IPSIS SILEMUS?* AS MARCAS DE PESSOA NO ARTIGO CIENTÍFICO . . . . . 251  
*Ursula Reutner*
9. SOBRE O USO DE CITAÇÕES NO DISCURSO TEÓRICO: DE CONSTATAÇÕES A PROPOSIÇÕES DIDÁTICAS. . . . . 283  
*Françoise Boch e Francis Grossmann*
10. EVOLUÇÃO DAS PRÁTICAS E DOS DISCURSOS SOBRE A ESCRITA NA UNIVERSIDADE: ESTUDO DE CASO. . . . . 309  
*Christiane Donahue*
11. O *ETHOS* AUTOATRIBUÍDO DE AUTORES (ALUNOS DOUTORANDOS) NO DISCURSO CIENTÍFICO. . . . . 343  
*Kjersti Fløttum e Eva Thue Vold*
12. AUTORREFORMULAÇÃO E INVESTIMENTO DO ESCRITOR: RESUMOS E QUARTAS CAPAS DE DISSERTAÇÕES DE MESTRADO. . . . . 369  
*Isabelle Laborde-Milaa*

13.	IMPESSOALIDADE E METÁFORAS GRAMATICAIS NO DISCURSO CIENTÍFICO: A PERSPECTIVA RETÓRICA . . . . .	401
	<i>Zohar Livnat</i>	
14.	“EU SEI MAS NÃO CONSIGO COLOCAR NO PAPEL AQUILO QUE EU SEI”: REPRESENTAÇÕES SOBRE OS TEXTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS . . . . .	423
	<i>Juliana Alves Assis</i>	
15.	POR UMA FORMAÇÃO LINGUÍSTICA PARA OS TEXTOS PROFISSIONAIS . . . . .	455
	<i>Frédérique Sitri e Fanny Rinck</i>	
16.	O ENSINO DOS USOS LETRADOS NOS CURRÍCULA UNIVERSITÁRIOS: UM OBJETO PARA A ANÁLISE DO DISCURSO . . . . .	477
	<i>Pascale Delormas</i>	
	OS AUTORES . . . . .	505



## APRESENTAÇÃO

O campo dos letramentos acadêmicos é hoje, internacionalmente, um florescente campo de pesquisa. Provavelmente, é sob o efeito da massificação do público no ensino superior que se revelam dificuldades dos estudantes em relação à escrita, as quais põem em cena a relevância da noção de letramento: ela se refere à diversidade de práticas de leitura e escrita, encaradas como aquisições ao longo de toda a vida; supera, assim, a visão que prevalecia tradicionalmente, segundo a qual era possível fazer a distinção entre o saber ler e escrever e o iletrismo (Barré-De Miniac *et al.* 2004; Fraenkel e Mboj 2010; Wagner *et al.* 1999).

Obviamente, os estudantes em questão não são iletrados, mas, mesmo para aqueles que são educados em sua língua materna, a aprendizagem da escrita não está concluída quando da entrada da universidade. Não se trata apenas de aprender a ler e escrever em situações diferentes e em evolução (no mundo acadêmico e, posteriormente, em outras instâncias), mas também de aprender a pensar e agir por meio da escrita, como o salienta a definição de letramento dada pela Unesco: “É a chave para a comunicação e a aprendizagem de todos os tipos e uma condição fundamental

de acesso a sociedades do conhecimento de hoje”.<sup>1</sup> Assim, a formação dos estudantes na (e para a) escrita deve ajudá-los em seu sucesso na universidade, mas também deve ser uma oportunidade para se refletir sobre o papel do ensino universitário nas chamadas sociedades do conhecimento.

Na França, o campo dos letramentos acadêmicos foi primeiramente nomeado como “didática da escrita no ensino superior” e vários dos autores cujos textos estão reunidos neste livro são representantes dessa frente. Muitas publicações marcam o estabelecimento desse domínio no final dos anos 1990 e início dos anos 2000<sup>2</sup> (com forte crescimento a partir desse período), o qual apresenta duas características essenciais:

- abriga especialistas da didática do francês<sup>3</sup> e assume o terreno do ensino superior como uma novidade nessa área: complementa os estudos sobre o ensino da escrita em língua francesa na escola primária e secundária (a esse respeito, ver Jean-Paul Bronckart, no capítulo 1, que traça a história desse campo e oferece importantes reflexões para a direção a ser dada, desde a formação de professores, ao ensino e à aprendizagem da escrita, qualquer seja o nível em que ela se dê), muito numerosos na França e no

- 
1. Unesco, the global literacy challenge (<http://unesdoc.unesco.org/images/0016/001631/163170e.pdf>).
  2. Confira Fintz (1998) e diferentes números de revista centrados na temática da escrita universitária: *Lidil* n° 17 (Dabène e Reuter [eds.] 1998), *Le Français aujourd'hui* n° 125 (Briole e Manesse [eds.] 1999), *Lidil* n° 24 (Boch e Grossmann, eds., 2001), *Spirale* n° 29 (Delcambre e Jovenet, eds., 2002), *Enjeux* n° 53-54 (Pollet e Boch [eds.] 2002), *Pratiques* n° 121-122 (Boch, Laborde-Milaa e Reuter [eds.] 2004), *Lidil* n° 41 (Boch e Rinck 2010), *Pratiques* n° 153-154 (Delcambre e Lahanier-Reuter, 2012).
  3. Notadamente por equipes de pesquisa dos laboratórios Lidilem, da Universidade Grenoble 3, e Théodile, da Universidade Lille 3.

mundo francófono, e aqueles sobre “o adulto e a escrita” e a formação de adultos fora do mundo da escola, especialmente em torno de questões sobre o iletrismo, a relação com o texto e a escrita criativa. (confira, por exemplo, Dabène 1987, 1996);

- baseia-se na hipótese de que as dificuldades dos alunos estão relacionadas com a apropriação dos saberes disciplinares e com o desenvolvimento de competências de letramento e que não é possível determinar qual aspecto prevalece sobre o outro: ambos são inseparáveis, porque a escrita é onipresente na universidade e as práticas de leitura e escrita são “formas de exercício do conhecimento” (Millet 1999). A questão que se põe é a da escrita como meio de acesso aos saberes e como um modo de construção de saberes. (Dabène e Reuter 1998)

A França, de onde se originam muitos dos trabalhos da obra que ora apresentamos, não dispõe, ao lado de outros países francófonos ou europeus, de uma tradição comparável àquela encontrada nos Estados Unidos, com centros integrados de escrita em cada universidade.<sup>4</sup> Encontram-se na maioria dos currículos universitários cursos sobre na escrita, mas que são, na origem, cursos de “técnicas de expressão” ou de metodologia da escrita em geral. Dois tipos de abordagem são privilegiados, conforme especificado por Pollet e Delforge (2011), tendo em vista o contexto belga: (i) a abordagem normativa baseada no domínio do sistema linguístico e no treinamento repetitivo de micro-habilidades e (ii) a abordagem tecnicista que valoriza os “métodos de trabalho” assumidos como transversais, investindo basicamente em tudo que resulta da atividade

---

4. Uma análise da situação da Bélgica pode ser encontrada em: [http://www.ciuf.be/cms/images/stories/ciuf/reussite/2011\\_0102\\_section10.pdf](http://www.ciuf.be/cms/images/stories/ciuf/reussite/2011_0102_section10.pdf).

de sumarizar (planos, resumos, sínteses, anotações) e suas regras de coerência e economia.

No Brasil, a preocupação com essa realidade tem gerado inúmeros investimentos de pesquisa (por exemplo, Kleiman 2001; Motta-Roth 2002; Silva e Mata 2002; Matencio 2002, 2003, 2004; Assis e Mata 2005; Silva, Assis, Lopes e Mata 2010; Silva 2010) interessados tanto em compreender as especificidades das práticas de leitura e escrita na universidade como em fomentar condições mais adequadas para a inserção dos estudantes no universo social e discursivo das instituições de ensino superior, tendo em vista, inclusive, a futura ação profissional desses estudantes. Tais investimentos têm repercutido nos próprios espaços de formação, muitos deles tomados como solo de pesquisas, em função das orientações que oferecem à organização didática das disciplinas.

No que respeita à França, pode-se pensar que a implementação, no início do calendário escolar (outono de 2008), do plano “Sucesso em *Licence*”,<sup>5</sup> instaurado pelo Ministério do Ensino superior e da Pesquisa,<sup>6</sup> favorece o desenvolvimento de cursos voltados para a escrita em geral. Como o sublinham Boch *et al.* (2012), lê-se na imprensa (jornal *O ponto* de 4/10/2010)<sup>7</sup> que, no quadro desse dispositivo visando a melhor acompanhar os estudantes

---

5. Primeiro diploma do sistema francês de ensino superior, obtido após seis semestres de estudos superiores completos.

6. Ministra do Ensino e da Pesquisa, “Valérie Pécresse apresentou seu plano plurianual de sucesso em *Licence* para dividir por dois o índice de fracasso no primeiro ano na universidade. Com dotação de 730 milhões de euros no acumulado de 2008-2012, com um aumento de 43% dos recursos em 5 anos, esse plano prevê um acompanhamento personalizado dos estudantes: 5 horas semanais de apoio pedagógico suplementares por estudante e para cada ano da *licence*, orientador acadêmico, tutoria etc.” (Comunicado governamental: ([www.enseignementsup-recherche.gouv.fr](http://www.enseignementsup-recherche.gouv.fr)).

7. Disponível em: [http://www.lepoint.fr/societe/la-bataille-de-l-orthographe-est-lancee-dans-vingt-universites-04-10-2010-1244844\\_23.php](http://www.lepoint.fr/societe/la-bataille-de-l-orthographe-est-lancee-dans-vingt-universites-04-10-2010-1244844_23.php).

que entram no superior, vinte universidades, pelo menos, escolheram concentrar-se na questão da expressão escrita e, em particular, na ortografia. Certamente, a presença de estudantes estrangeiros nas universidades francesas é um dos fatores que enseja essa preocupação com a ortografia, mas certamente, como se tem visto em inúmeras iniciativas dessa natureza, pode-se esperar que os cursos não se limitem à ortografia e que se evolua gradualmente em direção àquilo que se faz nas universidades americanas com as correntes WID (*Writing in the disciplines*) e WAC (*Writing accross the curriculum*) (Donahue 2008), articulando a questão da escrita à da leitura.

O campo da didática da escrita no ensino superior mostra que o desafio didático tem duas dimensões: a formação para a escrita e a formação pela escrita (Assis *et al.* 2012). Por um lado, uma vez que o domínio da escrita está em causa no fracasso na universidade (como mostra, por exemplo, Romainville 1997), ela requer um acompanhamento. Por outro lado, no entanto, não se trata apenas de ler e escrever melhor: ler e escrever são, em si, instrumentos de formação que atuam ao mesmo tempo sobre o desenvolvimento do sujeito e sobre a apropriação dos conhecimentos (Matencio 2002; Bronckart 2006). As pesquisas evidenciam:

- “a necessidade de uma ancoragem na disciplina – no que concerne tanto às características dos discursos que aí circulam quanto à relação com o saber que ela sustenta” (Pollet e Delforge 2011, p. 51), pois as maneiras de escrever são também maneiras de fazer e de pensar inerentes às disciplinas (Bazerman 1988; Carter 2007; Matencio 2002). Essa dimensão é evidenciada neste livro, nos trabalhos de Fanny Rinck, sobre a dimensão linguageira da construção dos saberes científicos,

e de Francis Grossmann, sobre a variação entre as disciplinas.

- *a importância de se basear a formação nos gêneros de textos e suas especificidades* (Matencio 2002 e 2006). As contribuições reunidas aqui ilustram bem essa dimensão. A identificação dos gêneros em uso e expectativas ligadas a esses gêneros é uma componente prioritária da análise das necessidades dos estudantes, conforme demonstra Isabelle Delcambre: gêneros acadêmicos como o portfólio e a resenha acadêmica, abordados por Pascale Delormas; gêneros que lhe são associados, tais como o resumo e a quarta capa, tomados na contribuição de Isabelle Laborde-Milaa; gêneros científicos para a formação dos aprendizes pesquisadores, como tratados por Francis Grossmann e Fanny Rinck; gêneros do mundo do trabalho para a formação de redatores profissionais ou de formadores para a escrita na empresa, como, por exemplo, o relatório profissional, objeto de discussão de Frédérique Sitri e Fanny Rinck.

Um dos desafios centrais das pesquisas atuais sobre os letramentos universitários diz respeito à questão dos “recém-chegados” à universidade. É preciso favorecer a transição entre o ensino médio e o ensino superior e reconhecer que a “entrada na escrita” acadêmica não é automática: a fórmula “entrada na escrita” serve, habitualmente, para designar os primeiros passos da criança no mundo da escrita e serve também, quando se trata de universitários, para tratar da aprendizagem da escrita em termos de aculturação e para mostrar que eles devem se familiarizar com o universo acadêmico enquanto universo cultural; eles deverão ler e escrever textos especializados, e não lhes é demandado apenas que restituam saberes, mas que sejam capazes de “pensar por meio da escrita”.

Dentre os trabalhos que se têm ocupado de investigar as dificuldades de leitura e de escrita no ensino superior, notadamente quando se trata de ler e de escrever textos teóricos, há aqueles que se voltam para as representações que os estudantes têm da escrita e do saber, tal como aqui discute Juliana Alves Assis, a partir de dados do contexto brasileiro. Esses trabalhos mostram, em particular, (i) que os estudantes tendem a subestimar a importância da reescrita, (ii) que eles não enxergam de que forma o fato de escrever os ajuda a se apropriarem dos saberes e faz avançar a reflexão, (iii) que eles veem o conhecimento como um conjunto de fatos e não como uma construção de saberes e, por fim, (iv) que eles têm dificuldades para discutir os autores lidos.

Temos aí obstáculos para o domínio do *habitus* acadêmico e, em particular, dos textos que podem ser qualificados como textos reflexivos ou textos de pesquisa (ver, por exemplo, Rinck 2011, para uma definição). Esses textos desempenham um papel central no mestrado e intervêm, às vezes, durante a graduação. Eles servem para formar os estudantes para a escrita de pesquisa em seu campo de estudo, mas é preciso sublinhar que não servem unicamente à formação de pesquisadores: as formações que se pretendem profissionais valorizam o fato de se realizar uma pesquisa por meio do memorial ou portfólio profissional; este é o caso, particularmente, da formação de futuros professores, mas também de profissionais de várias outras áreas (enfermagem, engenharia etc.) (confira, por exemplo, Blanc e Varga 2006).

Em suma, as pesquisas sobre os letramentos acadêmicos permitem analisar o desenvolvimento da escrita especializada (quer em termos de competências redacionais gerais, quer no que se refere ao domínio dos gêneros acadêmicos, científicos e profissionais) e o desenvolvimento de uma postura reflexiva por meio da escrita. Elas consistem, ao mesmo tempo, em descrever as práticas de leitura e escrita dos estudantes, em descrever

as práticas especializadas de referência na formação (por exemplo, o artigo científico, o editorial como exemplo de gênero jornalístico, o relatório de atividades etc.) e em se interrogar sobre as formações a implementar, da graduação ao doutorado, visando à leitura e à escrita, tendo em conta a diversidade dos gêneros concernidos e o conjunto das competências envolvidas.

Em termos de formação, existem no mercado brasileiro e internacional numerosos manuais de ajuda à redação, frequentemente normativistas, quer se trate de elaborar um *curriculum vitae*, quer uma tese. As pesquisas sobre os letramentos acadêmicos devem permitir que se deem bases teóricas sólidas às formações para a escrita propostas na universidade. Essas bases teóricas dependem, por um lado, da didática da escrita e do que se sabe agora sobre a “relação com a escrita” e a “reescrita”, e sua importância no ensino e na aprendizagem da escrita, seja qual for o nível de escolaridade, inclusive fora da escola, como, por exemplo, nas oficinas de redação propostas nesse ou naquele município ou associação. Elas dependem, por outro lado, da linguística para a descrição dos textos produzidos pelos estudantes (como nos incita a pensar a contribuição de Isabelle Milaa-Laborde), dos *corpora* de referência (por exemplo, dos *corpora* de textos de pesquisa de especialistas, considerada inclusive a diversidade dos campos do saber (aspecto considerado na discussão de Francis Grossmann) e dos *corpora* para uso em sala de aula com os estudantes, segundo o princípio do *Teaching and learning with corpora*<sup>8</sup> (por exemplo, um *corpus* de relatórios de reuniões num curso sobre os textos profissionais, tal como abordado por Fanny Rinck e Frédérique Sitri). Enfim, a noção de *corpus* como ferramenta para o ensino e como objeto de observação está no centro das proposições feitas para conceber a análise do discurso como domínio de

---

8. Ver, por exemplo, Aston (2001) e a bibliografia disponível em: <http://www.corpora4learning.net/resources/bibliography.html>.

referência na formação para a escrita no ensino superior, como o demonstram tanto o trabalho de Pascale Delormas quanto o de Fanny Rinck e Frédérique Sitri.

As contribuições reunidas aqui não representam de maneira exaustiva, obviamente, o conjunto das pesquisas desenvolvidas sobre os letramentos acadêmicos, mas apontam algumas tendências emblemáticas: identificar os gêneros em uso e caracterizá-los, interrogar-se sobre o desenvolvimento de dispositivos de formação, identificar as dificuldades dos estudantes em sua aprendizagem da escrita acadêmica e da escrita científica em particular. A apreensão desse último campo na literatura é bem avaliada por dois trabalhos deste livro (o de Francis Grossmann e o de Fanny Rinck), que, através de seu inventário das pesquisas sobre o discurso científico, focalizam a produtividade das análises enunciativas desse discurso: o campo da enunciação na escrita científica e mais amplamente nos textos argumentativos é realmente assunto de grande interesse em linguística, especialmente em torno da polifonia (Boch e Grossmann 2001). Podem-se citar, entre outras, as atividades do grupo Ci-dit<sup>9</sup> sobre o discurso reportado e a circulação dos discursos, as abordagens desenvolvidas na teoria escandinava da polifonia por Henning Nølke, Kjerstin Fløttum e Coco Noren (2004), a perspectiva de análise enunciativa em Alain Rabatel (1998, 2003, 2004), os trabalhos de Ruth Amossy e de Roselyne Koren sobre o *ethos* na sua relação com a argumentação e a responsabilidade (Amossy 2000; Amossy e Koren 2004).

A gestão das fontes múltiplas representa, de fato, uma das maiores limitações com que se depara todo pesquisador, seja principiante ou especialista na escrita. Se os doutorandos são, provavelmente, cada vez mais bem formados para os aspectos técnicos da inserção de fontes, sobretudo graças aos *softwares* de gestão bibliográfica,

---

9. Grupo internacional de pesquisa interdisciplinar visando à articulação entre a história, as teorias e as práticas do discurso reportado (N. T.).

é-lhes igualmente necessário que identifiquem os diferentes modos de referenciação do que é frequentemente chamado “discurso de outrem”, em referência ao dialogismo de Bakhtin (1977). As análises de orientação didática a que se dedicaram vários trabalhos aqui reunidos (Yves Reuter; Françoise Boch e Francis Grossmann; Isabelle Delcambre; Isabelle Milaa-Laborde; Isabelle Delcambre e Dominique Lahanier-Reuter) tomaram como ponto de partida a ideia geral de que a escrita de pesquisa é uma escrita que, em grande parte, dá lugar ao discurso de outrem, e que é preciso acompanhar os estudantes na gestão dessa polifonia, na qual eles terão de encontrar sua própria voz.

Diretamente relacionado com a gestão de fontes, outro tipo pesado de restrições sobre o estudante que dá seus primeiros passos na escrita de pesquisa depende da postura enunciativa que ele deve adotar em seu texto, habitualmente designada pelo apagamento enunciativo. Numerosos trabalhos, bem representados pelas contribuições desta obra, procuraram mostrar em que o estudo fino do posicionamento enunciativo do autor em seu texto constitui um trampolim para uma melhor compreensão da retórica da objetividade da escrita científica, especialmente por meio do estudo das construções características do apagamento enunciativo, como a voz passiva e as nominalizações, aqui representado pela pesquisa de Zohar Livnat. A postura enunciativa é igualmente estudada por meio do gênero emblemático do artigo, em função de estilos individuais (Ursula Reutner), das disciplinas (Agnès Tutin) e do estatuto do autor (Kjerstin Fløttum e Eva Vold). Ela é, por fim, interrogada, de maneira dinâmica, por meio da aculturação dos estudantes aos discursos universitários<sup>10</sup> (Christiane Donahue).

---

10. Expressão que, em francês, traduz mal a expressão comum “*academic discourse*”. Raramente utilizada em contexto francófono, provavelmente em razão das ambiguidades vinculadas ao termo “acadêmico”, essa designação prevalece no contexto anglófono, no qual “*scientific discourse*” se refere, sobretudo, às disciplinas das ciências duras. O “*academic discourse*” leva em conta conjun-

Se os textos reunidos neste volume representam um panorama necessariamente incompleto da pesquisa atual sobre os letramentos acadêmicos, esperamos que sua divulgação no Brasil permita desenvolver novas colaborações nesse campo em plena efervescência, contribuindo, assim, para a reflexão didática sobre a escrita acadêmica, desafio central para o sucesso dos estudantes.

*Fanny Rinck, Françoise Boch e Juliana Alves Assis*  
Grenoble e Belo Horizonte.

### *Bibliografia*

- AMOSSY, Ruth (2000). *L'argumentation dans le discours. Discours politique, littérature, d'idées, fiction*. Paris: Nathan.
- AMOSSY, Ruth e KOREN, Roselyne (eds.) (2004). *Argumentation et prise de position: pratiques discursives*. Besançon: Université de Franche-Comté. (Coleção Semen, vol. 17)
- ASSIS, Juliana Alves; RINCK, Fanny e SILVA, Jane Quintiliano G. (2012). "Qual abordagem erigir para pensar as práticas de leitura e escrita na formação acadêmica e/ou na vida profissional?" *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 16, n° 30, pp. 7-15, 1° sem.
- ASSIS, Juliana Alves (no prelo). "Representações sobre os textos acadêmico-científicos: pistas para a didática da escrita na universidade." *Estudos Linguísticos*, vol. 43, n° 2, 2014.
- ASSIS, Juliana Alves e MATA, Maria Aparecida da (2005). "A escrita de resumos na formação inicial do professor de Língua Portuguesa: movimentos de aprendizagem

---

tamente o discurso dos pesquisadores, sua transposição didática para a universidade e os textos dos estudantes em seu percurso universitário e sua formação para a pesquisa.

- no espaço da sala de aula", in: KLEIMAN, Angela Bustos e MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (orgs.) *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 181-202.
- ASTON, Guy (ed.) (2001). *Learning with corpora*. Houston/Texas: Athelstan.
- BAKHTINE, Mikhaïl/VOLOCHINOV, Valentin N. (1929[1977]). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Les Editions de Minuit.
- BARRÉ-DE MINIAC, Christine; BRISSAUD, Catherine e RISPAIL, Marielle (eds.) (2004). *La littéracie. Conceptions théoriques et pratiques d'enseignement de la lecture-écriture*. Paris: L'Harmattan.
- BAZERMAN, Charles (1988). *Shaping written knowledge. The Genre and Activity of the Experimental Article in Science*. Madison: University of Wisconsin Press.
- BLANC, Nathalie e VARGA, Renata (eds.) (2006). "Rapport de stage et mémoire professionnel: normes, usages, représentations." *Lidil*, Grenoble, n° 34.
- BOCH, Françoise; BUSON, Laurence e BLONDEL, Carole (2012). "Orthographe & grammaire à l'université. Quels besoins ? Quelles démarches pédagogiques ?", in: POLLET, Marie-Christine *De la maîtrise du français dans l'enseignement supérieur*. Cedocef, pp. 139-162. (Coleção Diptyque)
- BOCH, Françoise e GROSSMANN, Francis (eds.) (2001). "Apprendre à citer le discours d'autrui." *Lidil*, Grenoble, n° 24.
- BOCH, Françoise e RINCK, Fanny (eds.) (2010). "Énonciation et rhétorique dans l'écrit de recherche." *Lidil*, Grenoble, n° 41.
- BOCH, Françoise; LABORDE-MILAA, Isabelle e REUTER, Yves (eds.) (2004). "Les écrits universitaires." *Pratiques*, n° 121/122.

- BRIOLET, Daniel e MANESSE, Danièle (eds.) (1999). *Le Français aujourd'hui à l'université.* Paris: Larousse.
- BRONCKART, Jean-Paul (2006). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano.* Campinas: Mercado de Letras.
- CARTER, Michael (2007). "Ways of knowing, doing and writing in the disciplines." *College composition and communication*, vol. 58, n° 3, pp. 385-418.
- CI-DIT, Groupe de recherche internationale et interdisciplinaire sur la circulation des discours. Disponible em: <http://www.ulb.ac.be/philo/serlifra/ci-dit/>.
- DABÈNE, Michel (1987). *L'adulte et l'écriture. Contribution à une didactique de l'écrit en langue maternelle.* Bruxelles: De Boeck.
- \_\_\_\_\_. (1996). "Aspects socio-didactiques de l'acculturation au scriptural", in: BARRÉ-DE MINIAC, Christine *Vers une didactique de l'écriture. Pour une approche pluridisciplinaire.* Bruxelles: De Boeck, pp. 85-99.
- DABÈNE, Michel e REUTER, Yves (eds.) (1998). "Pratiques de l'écrit et modes d'accès au savoir dans l'enseignement supérieur." *Lidil, Grenoble, n° 17.*
- DELCAMBRE, Isabelle e JOVENET, Anne-Marie (eds.) (2002). "Lire-écrire dans le supérieur." *Spirale, Lille, n° 29.*
- DELCAMBRE, Isabelle e LAHANIER-REUTER, Dominique (eds.) (2012). "Littéracies universitaires: nouvelles perspectives." *Pratiques, n° 153-154, Metz, Cresef.*
- DONAHUE, Christiane (2008). *Ecrire à l'université: Analyse comparée en France et aux Etats-Unis.* Lille: Presses Universitaires du Septentrion.
- FINTZ, Claude (ed.) (1998). *La didactique du français dans l'enseignement supérieur: bricolage ou rénovation?* Paris: L'Harmattan.
- FRAENKEL, Béatrice e MBODJ, Aïssatou (2010). "Introduction. *Les New Literacy studies*, jalons

- historiques et perspectives actuelles." *Langage et Société*, n° 133, pp. 7-24.
- KLEIMAN, Angela B. (org.) (2001). *A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles (2002). "Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas: um estudo do resumo." *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 6, n° 11, pp. 109-122.
- \_\_\_\_\_. (2003). "Referenciação e retextualização: um estudo do resumo e da resenha." *Anais... Congresso Internacional da Abralín*, 3, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/abralin/fale.htm>.
- \_\_\_\_\_. (2004). "O recurso ao discurso do outro em textos de alunos de letras." *Anais do 14º InPLA, Revista Intercâmbio*, n° 14. São Paulo: PUC SP.
- \_\_\_\_\_. (2006). "Práticas de leitura e escrita: abordagens discursivas das representações sociais." *Anais do II Simpósio Internacional sobre Práticas Escritas na Escola: letramento e representação*. São Paulo: FFCHL/USP. CD ROM.
- MILLET, Mathias (1999). "Économie des savoirs et pratiques de lecture. L'analyse des formes de travail intellectuel étudiant en médecine et en sociologie." *Éducation et Sociétés*, vol. 4, n° 2, pp. 57-74.
- MOTTA-ROTH, Désirée (2002). "A construção social do gênero resenha acadêmica", in: MEURER, José Luiz e MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) *Gêneros textuais e práticas discursivas*. São Paulo: Edusc.
- NØLKE, Henning; FLØTTUM, Kjerstin e NOREN, Coco (2004). *ScaPoLine. La théorie scandinave de la polyphonie linguistique*, Paris: Kimé.
- POLLET, Marie-Christine e BOCH, Françoise (eds.) (2002). "L'écrit dans l'enseignement supérieur." *Enjeux*, n° 53-54, Namur, Cedocef.

- POLLET, Marie-Christine e DELFORGE, Muriel (2011). "Comment développer les compétences langagières des étudiants?", in: PARMENTIER, Philippe (Ed.). *Recherches et actions en faveur de la réussite en première année universitaire. Vingt ans de collaboration dans la Commission "Réussite" du Conseil interuniversitaire de la Communauté française de Belgique*. Bruxelles: CIUF.
- RABATEL, Alain (1998). *La construction textuelle du point de vue*. Lausanne, Paris: Delachaux et Niestlé.
- \_\_\_\_\_. (ed.) (2003). *Le point de vue, Cahiers de Praxématique*, n° 41, Montpellier.
- \_\_\_\_\_. (ed.) (2004). "L'effacement énonciatif dans les discours représentés: effets pragmatiques de sur-et de sous-énonciation." *Langages*, n° 156. Paris: Larousse.
- RINCK, Fanny (2011). "Former à (et par) l'écrit de recherche: quels enjeux, quelles exigences?" *Le Français Aujourd'hui*, n° 174, pp. 79-89.
- ROMAINVILLE, Marc (1997). "Peut-on prédire la réussite d'une première année universitaire?" *Revue française de pédagogie*, n° 119, pp. 81-90.
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães e MATA, Maria Aparecida da (2002). "Proposta tipológica de resumos: um estudo exploratório das práticas de ensino da leitura e da produção de textos acadêmicos." *Scripta*, Belo Horizonte, vol. 6, n°. 11, pp. 123-133.
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães (2010). "O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade". *Perspectiva*, Florianópolis, vol. 28, n° 1.
- SILVA, Jane Quintiliano Guimarães; ASSIS, Juliana Alves; LOPES, Maria Angela Paulino Teixeira e MATA, Maria Aparecida da (2010). "Formação de professores de língua materna: algumas apostas", in: VÓVIO, Claudia Lemos; SITO, Luanda e DE GRANDE, Paula Baracat (orgs.) *LetramentoS: rupturas, deslocamentos*

*e repercussões de pesquisas em Linguística Aplicada.*  
Campinas: Mercado de Letras.

WAGNER, Daniel A.; VENEZKY, Richard L. e STREET, Brian V. (eds.) (1999). *Literacy. An international handbook.* Colorado-Oxford: Westview Press.